

INTRODUÇÃO

Apesar de não ser uma descoberta recente, o TEA ainda demanda estudos e indagações, pois até então é uma novidade para alguns educadores quando o assunto é ensino-aprendizagem. Uma das dificuldades a serem trabalhadas neste processo é o entendimento do contexto comportamental e cognitivo, suas sensibilidades para conquistá-lo e descobrir qual o melhor método de ensino.

Uma das características do TEA é a dificuldade de comunicação, sendo que muitos indivíduos não desenvolvem a linguagem verbal. Nestes casos tem sido utilizado uma metodologia alternativa de comunicação baseada em figuras.

Devido a um grande índice de crianças com TEA e suas necessidades, em 2012 foi criada e regulamentada uma lei especialmente para proteger os direitos dessas pessoas. A mesma defende a educação e o ensino profissionalizante a todos, direito a acompanhante especializado, assistência social, dentre outros (BRASIL, 2012).

Diante dessas questões esse estudo tem como objetivo conhecer se os profissionais do meio escolar já conhecem as metodologias alternativas de comunicação e como as utilizam no meio escolar. Os professores conhecem as Metodologias Alternativas de Comunicação? Eles a utilizam em sala de aula? Tem suporte e conhecimento para utilização de metodologias alternativas de comunicação?

Para isso foi realizado a aplicação de um questionário em quatro escolas de ensino regular.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado através de uma pesquisa transversal, com aplicação de questionário semi-estruturado e análise quantitativa dos dados.

Para isso, foi aplicado um questionário com 17 perguntas de múltipla escolha, em 3 escolas municipais de Ubá – MG.

O questionário foi aplicado a todos os professores, mas somente 46 professores fizeram a devolução do mesmo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o processo de inclusão escolar, atualmente, tem crescido a inserção das pessoas com TEA na rede regular de ensino (SCHECHTER; GREYER, 2008). Apesar de alguns professores não terem crianças atualmente com o transtorno em sala de aula, 86% dos mesmos já lecionaram durante sua atuação escolar. Quando se refere ao momento atual, 67% dos pesquisadores têm alunos com TEA, corroborando as pesquisas mais atuais.

Apesar dos números expressivos citados acima, a maioria dos entrevistados (83%) não tiveram em sua formação durante a graduação, alguma disciplina que cursasse sobre o Transtorno do Espectro Autista. Pode-se compreender esta situação pelo fato de as discussões serem recentes em nosso contexto educacional. Sendo assim, as escolas pesquisadas oferecem mini cursos e palestras para melhor conhecimento e incrementação em sua prática e didática

Apesar de mini cursos oferecidos pela escola, 60% dos entrevistados afirmam que não obtêm todo o conhecimento adequado sobre o Transtorno Espectro Autista, sendo ainda 11% que desconhecem o TEA. Este dado é bastante importante, pois mostra a necessidade que o atual cenário da educação pública têm de maiores discussões sobre o assunto. É bem contraditório pensar que grande parte dos professores tem ou já tiveram alunos com TEA, mas desconhecem sobre o assunto.

Já em relação às Metodologias Alternativas de Comunicação, 52%, relataram ter algum conhecimento sobre a proposta, no entanto, apenas 7% a utilizam. Mais uma vez, percebe-se uma contradição entre o saber e o fazer pedagógico.

Quando utilizadas de forma adequada, as MAC podem reduzir os comportamentos disfuncionais ou repetitivo (Drager, 2016) e criam condições para o máximo desempenho do usuário. No entanto, apesar das pesquisas favoráveis a sua utilização, quando se pensa no contexto da educação pública em Ubá, as iniciativas ainda são muito incipientes. Quando questionados quanto as vantagens da utilização de tal metodologia, 89% responderam de forma positiva. Percebe-se assim uma contradição entre o conhecimento dos professores e a implementação de sua prática pedagógica.

Acredita-se que uma das justificativas para a contradição apontada acima deve-se a falta de suporte vindo da escola que lecionam, dados apresentados no gráfico 9. Desta forma, os entrevistados relataram que necessitam incrementar outras didáticas e estudos para melhor aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que apesar de grande atuação nas redes municipais de educação, muitos profissionais se sentem despreparados para a nova demanda em que lhe é exposta, mesmo procurando informações e conhecimentos especializados para auxiliar alunos com TEA. A falta de preparação pode ainda dificultar o ensino aprendizagem dos alunos e seu desenvolvimento no meio escolar, pois, apesar de se sentirem despreparados, relatam ainda que as instituições de ensino deveriam dar mais suporte e auxílio quando se tratada melhoria de um ser humano.

REFERENCIAS

BRASIL. **Lei no 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília. 2012.

Drager, K. D. R., Postal, V. J., Carrolus, L., Castellano, M., Gagliano, C., & Glynn, J. (2006). The effect of aided language modeling on symbol comprehension and production in two preschoolers with autism. *American Journal of Speech-Language Pathology*, 15, 112-125.

SCHECHTER, R.; GREYER, J. K. Continuum of increases in autism reported to California's Developmental Services System: Mercury in retrograde. *Archive of General Psychiatry*, v.65, n.1, p.19-24, 2008.